

Sumário: A arquitectura europeia na Idade Média — antecedentes.

A arquitectura tardo-romana e paleo-cristã.

. A degradação do Império Romano:

- auge territorial e cultural no início do séc. II (imperador Adriano 117-138);
- o sucessivo enfraquecimento do poder imperial;
 - . sob a constante ameaça externa dos bárbaros;
 - . sob a corrosão interna dos cristãos;
- o imperador Constantino autoriza o livre culto cristão (Édito de Milão, 313);
 - . em 380, com o imperador Teodósio I, cristianismo torna-se a religião oficial do Império;
- há sinais progressivos do deslocamento do centro de gravidade do Império para Oriente;
- Constantino muda a capital do Império para Bizâncio (324) que passa a chamar-se Constantinopla;
 - . Constantinopla torna-se o centro do mundo cristianizado;
 - . esta mudança abre o caminho à cisão do Império;
- em 395, com o mesmo imperador Teodósio I, o Império Romano divide-se em Império Romano do Ocidente (capital Roma) e o Império Romano do Oriente (Capital Constantinopla)
 - . ambas as capitais se reivindicavam herdeiras da Roma Antiga;
 - . abre-se caminho à futura divisão da Igreja Cristã;
 - . a partir do séc. V, o grego passou a ser a língua oficial no Império do Oriente; (os romanos orientais eram chamados de gregos ou bizantinos)
 - . no Império do Ocidente a língua oficial continuava a ser o latim;
- o poder central (sobretudo no Império do Ocidente) enfraquece especialmente nos séculos IV e V;

- . são particularmente corrosivas as invasões dos Vândalos, Visigodos, Ostrogodos e Lombardos;
- . verifica-se a progressiva decadência das estruturas políticas, económicas, sociais e culturais do estado romano;
- queda do Império Romano do Ocidente às mãos dos hérulos comandados por Odoacro em 476;
- . Síntese de aspectos relevantes relativos à arquitectura e ao urbanismo romanos:
 - a uniformização da arquitectura imperial;
 - a diferença entre a arquitectura de iniciativa imperial e a de iniciativa local;
 - . a variabilidade da componente vernácula;
 - as grandes estruturas em betão dos séculos III e início do IV;
 - . tornam-se então muito comuns as plantas centralizadas, polilobadas e, em geral, complexas;
 - nos sécs. IV e V;
 - . diminui a importância da produção arquitectónica;
 - . há dificuldade na aquisição de materiais e recrutamento de mão-de-obra;
 - . aproveitam-se os recursos técnicos já conhecidos;
 - . faz-se a reciclagem dos materiais de construção;
 - . verifica-se uma grande liberdade na utilização de elementos arquitectónicos e na sua combinação (abastardamento do cânon e das ordens arquitectónicas);
 - . associação de fragmentos de estilos diferentes;
 - . quase não há distinção entre o tosco e o acabado;
 - . empobrece tanto a arte cristã como a arte oficial;
- . A arquitectura paleocristã:
 - a arte cristã primitiva não corresponde a um estilo;
 - no período da clandestinidade (durante o próprio auge do Império Romano);
 - . não há propriamente arquitectura; há sim uma arte das catacumbas (subterrâneos com sepulturas e capelas funerárias pintadas);
 - no período do exercício autorizado da religião cristã:
 - . há um desinteresse dos cristãos pelas formas ou pela arte enquanto tal;
 - . utilizavam a arte já conhecida (romana) atribuindo um novo sentido às formas e às fábulas associando-lhes enigmas cujo valor simbólico só era decifrável pelos iniciados;

. As igrejas eram os principais edifícios da arquitectura paleocristã:

- adapta-se a basílica longitudinal romana (já então fora de uso);
- razões simbólicas e funcionais desta escolha:
 - . a vantagem de não se identificar com um espaço idólatra;
 - . a facilidade de se poder construir com materiais recuperados;
- de uma maneira geral, a planta longitudinal prevalece no Império do Ocidente e a planta centralizada no Império do Oriente;
 - . a arquitectura bizantina, na 1ª metade do séc. VI, adoptou a planta centralizada para os principais edifícios religiosos (embora pudesse haver um eixo longitudinal secundário);
 - . no ocidente as plantas centralizadas eram reservadas aos baptistérios, aos mausoléus ou aos *martyria* (singular *martyrium*);
 - . os baptistérios surgem ainda no séc. IV;
 - . as capelas funerárias surgem frequentemente anexas a uma basílica;
- mas as principais edificações dos sécs. IV e V são as basílicas cristãs;
- na Alta Idade Média são raros os edifícios monumentais não religiosos;

. Basílicas paleo-cristãs:

- a primeira a ser construída depois do Édito de Milão foi a de *São João de Latrão*, em Roma;
- mas nenhuma basílica primitiva chegou aos nossos dias no seu estado original;
- estas igrejas eram concebidas como um mundo interior;
 - . portanto, a concepção e tratamento do exterior eram pouco importantes e pouco cuidados (pelo menos dos sécs. IV ao VI);
 - . havia um tratamento decorativo contínuo do interior (que lhe retirava o carácter material e arquitectónico);
 - . entrar numa igreja correspondia a entrar num outro mundo;
 - . acentuava-se a noção de percurso;
 - . o altar ficava à frente da ábside;
- exemplos:
 - . **São Pedro de Roma** (depois de 326);
 - . **Santo Ambrósio de Milão** (séc. IV);

- . **São Clemente** (422-432), Roma;
- . Outros edifícios:
 - **Mausoléu de Santa Constança** (2º quartel do séc. IV), Roma ;
 - . originalmente integrado na Igreja de Santa Inês;
 - **Baptistério de S. João de Latrão**, Roma;
- . Ravena foi capital do Império Romano do Ocidente em parte do séc. V;
 - estava sujeita a influências orientalizantes mesmo antes da sua conquista pelos bizantinos (540 d.C.):
 - . **Basílica de Santo Apolinário o Novo** (sécs. IV-V);
 - . **Mausoléu de Galla Placidia** (~450 d.C.);